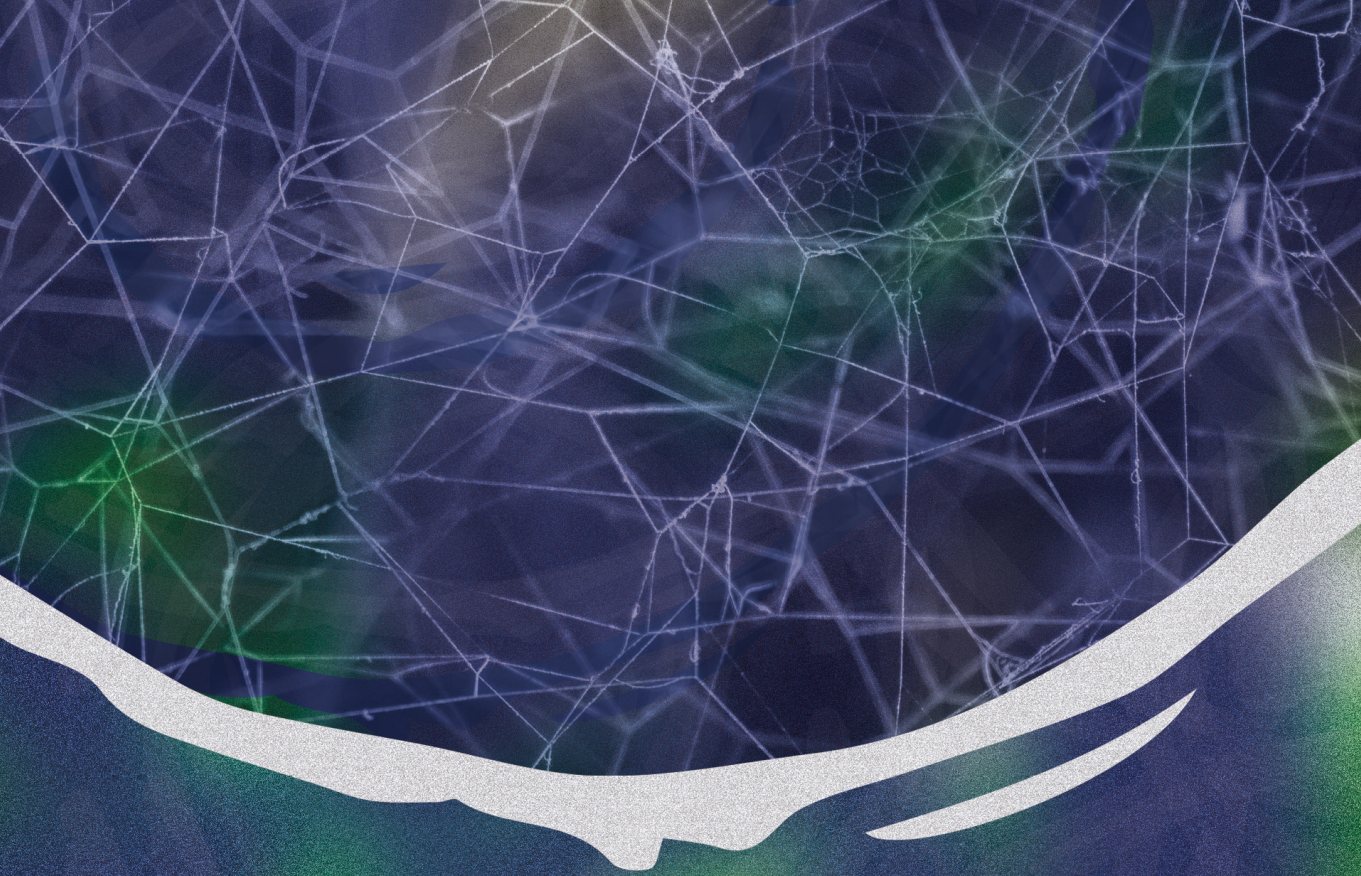


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

A história de Matheus

Arlete Carvalho Souza

Matheus é meu sobrinho, mas é como se fosse meu filho, pois cuido dele desde os quatros meses de vida. Chega à minha casa às sete horas da manhã e, às sete horas da noite, os pais o buscam. Hoje ele está com cinco anos, é uma criança com Síndrome de Down, nasceu com fenda palatina e lábios leporinos, já passou por três cirurgias: uma para correção dos lábios e outra para fechar o céu da boca (fenda palatina), porém, apenas com cinco dias após a operação, os pontos arrebentaram, em virtude da característica presente nas crianças com Síndrome de Down, que têm uma língua maior e inquieta. Dessa maneira, a cirurgia teve que ser refeita três meses depois. Ele tem muita energia, canta e dança o dia inteiro, gosta muito de observar as pessoas para depois imitá-las.

Sobre este relato, quero chamar atenção para a abordagem antropológica da infância e da deficiência. Segundo Ariés (1981), a infância é uma criação, um subproduto da interação de forças políticas, sociais, histórias, econômicas, religiosas e científicas no contexto do fim da Idade Média e o início da modernidade. Em relação à deficiência, observa-se a opressão sofrida historicamente na sociedade. A educação especial teve um cenário de segregação e exclusão, no qual os indivíduos eram ignorados, abandonado e até assassinados, em razão da diferença em relação ao conceito de normalidade.

Na Idade Média, o tratamento dado ao indivíduo variava de acordo com as concepções de caridade ou castigo, o que levava à exclusão. Com a chegada do capitalismo, veio o interesse do estudo da deficiência pela ciência (Medicina) e, consequentemente, a preocupação com a educação e o processo de socialização desses indivíduos, considerados "anormais". No Brasil, a história da educação tem apresentado um quadro diferente da Constituição Brasileira de 1988, a qual legitimava a educação primária obrigatória, gratuita e extensiva a todos os cidadãos, colocando em foco a educação especial, com a criação e implantação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos e do Instituto dos Surdos-Mudos, que sofreram perdas e deterioração por conflitos políticos, sociais e, consequentemente, a educação especial não se desenvolveu de fato.

Com a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), foi implantada a inclusão no ensino regular de alunos com necessidades especiais, com idealismo de democracia e o objetivo de ampliar oportunidades para essa população excluída. A educação inclusiva é hoje assunto de grande debate na educação do país, gerando conflitos, provocando reflexão e polêmica acerca das ideias e possibilidades de um novo paradigma educacional que envolve organização do sistema e do pensamento pedagógico. Esse autor ressalta que

estudar criança é analisar e refletir sobre nossa cultura, dessa maneira, entende-se que o mundo das crianças é diferente do mundo dos adultos.

Segundo Brandão (1985), a educação permite ampliar os horizontes, de modo que não se fique preso ao sistema. A educação é ilimitada, podendo variar conforme a diversidade cultural regional de cada povo. Ela não restringe a escola ou a família, mas está em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social do ser humano, além de contribuir para o desenvolvimento social, econômico e cultural do país.

A educação, portanto, tem um poder impactante na vida da pessoa, corrigindo muitas falhas de injustiça social, quebrando preconceitos e promovendo melhorias na qualidade de vida. Um dos principais pensadores da educação no Brasil, Anísio Teixeira, já demarcava que a justiça social, por excelência, da democracia, consiste nessa conquista da igualdade de oportunidades pela educação. Nesse sentido, a democracia é, literalmente, educação (Teixeira, 1947).

O filme documental *Human* (2015), de Yann Arthus Bertrand, mostra a vontade e a dificuldade de poder estudar, relata a dificuldade e o preconceito da pessoa com deficiência, mostra a criança que é questionada por não ter dinheiro para pagar a escola, expõe o sonho de ser alguém na vida e a desilusão de não alcançar o objetivo. Segundo o que foi abordado nos mapas que realizamos sobre cultura e sociedade, aprendemos que a cultura fortalece os aspectos e a identidade pessoal e social do indivíduo e a condição de bem-estar. Em relação à deficiência, essa perspectiva vale para observar a opressão sofrida diante da nossa sociedade preconceituosa e como a pessoa pode sofrer a influência da cultura na sua vida.

Desse modo, quero relatar o posicionamento do ex-ministro da Educação, Milton Ribeiro, que declarou que os "alunos com deficiência atrapalham o aprendizado de outros estudantes", em 2021. Essas palavras surpreenderam muitos pais que lutam pela inclusão social. Tal frase é inconstitucional (a Constituição, em seu artigo 205, afirma que a educação é direito de todos). Dessa forma, esse pensamento coloca em risco o direito a uma educação de qualidade e sem discriminação para muitos estudantes, como é o caso do Matheus. O Brasil tem avançado em direção à inclusão. Em 2020, segundo o censo Mec/Inep, o país tinha 1,3 milhões de crianças e jovens com deficiência na educação básica. A Resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CEB nº 2/2001, determina o direto à educação, declarando que todas as escolas do ensino regular devem matricular todos os alunos em suas classes comuns, com os apoios necessários.

A educação precoce é um atendimento especializado que atende crianças de zero a três anos com deficiência ou que apresentam qualquer situação que pode acarretar o atraso do desenvolvimento. Esse atendimento especializado contribuiu bastante para que Matheus se desenvolvesse, uma vez que ele necessitava de estimulação. Portanto, é importante intervir no seu desenvolvimento, como: comunicação, desenvolvimento socioemocional, comportamento, desenvolvimento motor, desenvolvimento cognitivo, independência e autonomia.

Clarice Cohn (2013), em seu artigo sobre concepções de infância e infâncias, menciona um relato muito interessante. Ela faz referência à fala de Bep.Djoti, ancião do povo

Xikrin, que diz a ela que as crianças tudo sabem porque tudo veem e nada sabem porque são crianças. Essa frase me fez refletir sobre o comportamento do Matheus.

A pandemia desenvolveu crianças da "geração espirro". Matheus, que não saía de casa, pelo fato de ser uma criança e fazer parte do grupo de risco, não tinha contato com o mundo lá fora. Desse modo, ninguém explicou que estávamos em pandemia, mas ele pôde observar isso sozinho e notou que tinha algo diferente. Quando uma pessoa dava um espirro, ele corria assustado, indicando perigo, atitude que me surpreendeu. Sendo assim, pude aprender que crianças tudo sabem porque tudo veem, e nem as crianças com deficiência ficam de fora do aprendizado. Entretanto, crianças têm concepções diferentes, e não podemos olhá-las de modo universal, cada uma tem sua particularidade.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO